

# Uma introdução à Metodologia de Trabalhos Acadêmicos e ao TCC

*Prof. Dr. Gilberto de  
Moura*



**ARACAJU  
2019**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>2</b>
SITUAÇÕES-PROBLEMA, COMO SUPERÁ-LAS?	3
DO GEOCENTRISMO À RELATIVIDADE	4
<b>QUATRO FORMAS EMBLEMÁTICAS DE REPRESENTAÇÃO DO MUNDO</b>	<b>6</b>
REPRESENTAÇÃO MITOLÓGICA	7
REPRESENTAÇÃO CIENTÍFICO-FILOSÓFICA.	8
REPRESENTAÇÃO TEOLÓGICO-RELIGIOSA: A ESCOLÁSTICA.	9
REPRESENTAÇÃO CIENTÍFICA DO MUNDO	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS	11
<b>CULTIVANDO A IMAGINAÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>PRESSUPOSTOS BÁSICOS PARA A PRODUÇÃO CIENTÍFICA.</b>	<b>16</b>
FICHAMENTOS, RESUMOS, MAPAS CONCEITUAIS E RESENHAS.	16
ARTIGOS, ENSAIOS, PROJETOS E MONOGRAFIAS.	17
PROJETOS, ARTIGOS, MONOGRAFIAS: UM ESQUEMA PRÁTICO.	19
<b>TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: UMA BREVE INCURSÃO NA ABNT</b>	<b>22</b>
CITAÇÕES	22
SISTEMA DE CHAMADA	23
EXEMPLOS GERAIS DE REFERÊNCIAS	24
CASOS ESPECIAIS	25
FONTES E ESPACEJAMENTO.	26
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>26</b>
<b>ANEXOS – 1</b>	<b>28</b>
<b>ANEXOS – 2</b>	<b>29</b>
<b>ANEXOS – 3</b>	<b>32</b>

## INTRODUÇÃO

Gilberto de Moura Santos<sup>1</sup>

A História nos revela que o sucesso da ciência, como modo de explicação da realidade, não se deve exclusivamente aos rigores do método, da forma. A imaginação criativa do investigador também exerce papel fundamental neste processo. Ela contribui para que o conhecimento científico apresente novas respostas a problemas nem sempre inéditos. Nesta perspectiva, o cientista é alguém que, antes de qualquer coisa, *imagina*. Do que poderíamos inferir: a ciência é, a rigor, uma *abstração*, um *discurso* sobre o mundo. Ela é uma forma de *ver o mundo*, não obstante a utilizemos quase sempre para *explicá-lo*.

Se admitirmos o fato de que há diversos sistemas culturais, admitiremos também que há tantos outros modos de *representar*, de *dar sentido ao mundo*. Alguns modos de representação do mundo são tomados como inquestionavelmente verdadeiros, como é o caso da religião. Entretanto, a representação científica, em virtude de sua natureza, é impedida de arvorar este caráter - o cientista e o filósofo sabem bem disso. Ou seja, se é verdade que o místico se baseia em suas inquestionáveis “experiências de fé” (experiências que não exigem “provas científicas”), é também fato que as “verdades científicas” são passageiras. O prazo de validade destas verdades se esgota com as novas descobertas. Não há uma hierarquia nas diferentes representações, antes existem peculiaridades, não obstante a hegemonia da ciência.

A despeito das diferentes visões de mundo que orientam as inúmeras sociedades humanas, o mundo ocidental costuma reconhecer e endossar a seguinte assertiva: o modo de indagação racional, qual seja, a *ciência*, deve orientar os debates, as pesquisas acadêmicas. Sendo assim, em que pese a existência de outros saberes (tão importantes quanto a ciência), as únicas pesquisas que poderão reivindicar o *status* de *acadêmicas* são aquelas que empreendem tal indagação racional. Sendo assim, embora os pesquisadores possuam

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais, DCS, UFS; Mestre e Doutor em Sociologia, PPGS, UFS. Bacharelado em Direito, Fanese. Licenciado em Música, Claretiano. Professor de Sociologia e Antropologia, Metodologia de Trabalhos Acadêmicos e disciplinas afins na Fanese, em níveis de graduação e pós-graduação; de Música no Conservatório de Música de Sergipe (Seed/Se). Autor de *Religião e política: Ancoragens, ambiguidades e retraduições*, DireitoMais, 2018. E-mail: [gilbertodemoura@uol.com.br](mailto:gilbertodemoura@uol.com.br). O texto é uma compilação de aulas e outras comunicações realizadas pelo autor em cursos de graduação e pós-graduação nos últimos anos. Em caso de reprodução, favor consultar o autor ou informar a fonte.

convicções “filosóficas” ou religiosas, suas hipóteses, objetivos, procedimentos metodológicos, etc., deverão prescindir, no que se refere à construção destas etapas da pesquisa, dos possíveis instrumentos “não acadêmicos” de análise e teste.

Nesta trilha, como desenvolver uma pesquisa científica? Como “abandonar” a *doxa* (a opinião, o “achismo”) e apropriar-se dos princípios de pesquisa científica, da *episteme*? Estes são desafios hercúleos, mas nenhum estudante deveria deles se esquivar. De qualquer modo, o que garantirá o caráter acadêmico de qualquer trabalho é menos a *prova empírica* produzida pelo pesquisador do que a construção de um problema que se preste à análise racional. Uma pesquisa acadêmica é, portanto, um trabalho:

- ✓ que apresenta um objeto pertinente;
- ✓ que demonstra os meios pelos quais se pretende alcançar os objetivos previamente propostos;
- ✓ de cujas hipóteses (racionais) orientam a análise;
- ✓ em que o referencial teórico é coerente com a discussão empreendida, com os resultados obtidos.
- ✓ em suma, uma pesquisa que enfrente um problema (racionalmente) exequível.

A ciência expressa a necessidade humana de compreender o mundo. Ser bom em ciência é ser capaz enxergar os problemas e inventar soluções. O conhecimento, aliás, só ocorre em *situações-problema*. Ver, dizer e enunciar com clareza significa indicar de que partes o problema se compõe: em uma palavra, significa **analisar**. A ciência fracassa quando se descobrem soluções perfeitas para problemas que não foram compreendidos.

#### SITUAÇÕES-PROBLEMA, COMO SUPERÁ-LAS?

Tomamos consciência do problema; construímos um modelo ideal; elaboramos hipóteses; testamos as hipóteses. Deve haver alguma ordem escondida que possibilite hipóteses. É verdade que a *realidade* pode se mostrar extremamente enigmática, complexa. Nestes casos, a observação não pode alcançá-la. É este o momento em que o pesquisador mais precisa da *imaginação*. A solução é alcançada na medida em que se projeta um caminho (*método*), começando pelo fim. Eis a necessidade da *imaginação*.

Seria incauto embrenhar-se nos áridos caminhos da ciência, do conhecimento do mundo, sem que se reflita sobre os pressupostos básicos para essa empresa: o conhecimento

“de si”. Em outras palavras, há uma exigência primordial da qual o investigador não poderá tergiversar: a *maturidade*. Sem ela, o pesquisador nunca se tornará autônomo, tampouco um intelectual. O texto a seguir tratará deste tema.

#### DO GEOCENTRISMO À RELATIVIDADE

Num determinado momento, ainda nos primeiros anos de vida, as crianças aprendem que há outras pessoas tão importantes quanto elas. Assim, passam a tomar consciência de si ao tempo em que reconhecem os outros. Eis uma boa chance para a produção da empatia. Este não é um processo indolor, tampouco inexorável: algumas crianças permanecem convictas de que são “o centro do universo”. Ainda antes da revolução copernicana, aquela que costuma arrebatrar boa parte dos humanos, resgatando-os do geocentrismo, o infante atravessa uma avalanche de informações e comandos. Mas é sobretudo depois dela, da revolução copernicana, que a enciclopédia de proibições e imposições ganha vulto. Nessa fase, as verdades são inoculadas nas crianças: não há muito espaço para reflexão.

Na adolescência ocorre outro choque. As verdades incontestes até então defendidas pelo jovem, verdades que, aliás, foram absorvidas quase que por osmose, perdem sentido e parecem fora do lugar. Aquilo que lhe soava familiar torna-se, de súbito, estranho. Trata-se de um autêntico conflito de gerações. Arredio, por vezes mal-humorado, o adolescente passa a objetar as certezas que outrora lhes serviam plenamente. Ao turbilhão de hormônios, com as mudanças físicas que isso implica, adicionem-se as mudanças psicológicas que tornam o adolescente, não raro, desajustado pelo simples fato (nem tão simples assim) de ser um tipo de gente que não pode mais ser chamado de criança, tampouco de adulto.

Essa revolução física, química e psicológica costuma arrefecer na mesma época em que o jovem consegue optar conscientemente em relação às verdades que quer seguir. Dito de outra forma, a crise “termina” quando o jovem passa a fazer suas próprias escolhas, ainda que algumas delas coincidam com as orientações que lhes foram apresentadas anteriormente.

O resultado desse processo, desta outra revolução (quando levada a bom termo), é o surgimento de um novo tipo de indivíduo: um adulto, pressuposto fundamental para aqueles que desejam usufruir do conhecimento e aprendizado disponibilizados na universidade. O adulto, portanto, é aquela pessoa que toma decisões, que age conforme sua avaliação particular. Isso não quer dizer que as opiniões alheias não sejam levadas em consideração, pelo contrário, mas a reflexão orientará o adulto em sua trajetória. Não é demasiado lembrar-

se de que, a essa altura, este indivíduo já deverá estar liberado daqueles desajustamentos, como o complexo de Édipo, trazidos à baila por Freud. Em outras palavras, adulto é aquele indivíduo que não alimenta sentimentos possessivo-compulsivos em relação a suas “mães” – isto porque a figura da mãe pode ser substituída pelos amigos, pela igreja, pelo time de futebol, pela “pátria”.

Essa é uma revolução necessária: aquela que faz emergir cidadãos autônomos. A formação superior pressupõe tal criação (que transforma absolutos em teses plausíveis, mas quase sempre passíveis de contestação). A formação universitária deverá disponibilizar as opções, o conhecimento necessário – embora não suficiente – para que surjam cidadãos cômnicos de seus deveres e direitos. Aquele que passa pelo ensino superior deve discutir suas opiniões a partir de fundamentos verificáveis. Assim, deve ter também a coragem de questionar suas próprias convicções. Acreditar que uma tese, qualquer uma, possa ser falseada ou confirmada, a depender das circunstâncias, é um indício de maturidade; esta “relatividade” também é vital para o desenvolvimento do conhecimento.

Portanto, se da crise da adolescência surgiu o adulto, da crise do conhecimento deverá emergir o intelectual, um indivíduo que conhece sua cultura, mas também a do outro. Este ideal universitário - a formação de um técnico e também de um intelectual - não é facilmente alcançado, por isso deve-se buscá-lo desde cedo. Saberes como a filosofia, sociologia, psicologia, artes, poderão contribuir nesta empreitada na medida em que ampliam a percepção dos estudantes. Mas o caminho do conhecimento é bastante solitário, em que pese a companhia dos professores. Em alguns casos, aliás, esta companhia pode até se tornar inoportuna e danosa. O professor cumpre seu ofício quando inspira, orienta os alunos, não quando os “carrega no colo”. De qualquer modo, a participação do orientando, seu entusiasmo e dedicação são condições fundamentais neste processo. Há, finalmente, outras ferramentas imprescindíveis nessa jornada: os livros. Recorramos sempre a eles.

## QUATRO FORMAS EMBLEMÁTICAS DE REPRESENTAÇÃO DO MUNDO

Como já mencionado, a representação científica não é a única possível. A humanidade criou inúmeras outras. Façamos uma retrospectiva histórica, ainda que panorâmica e, em certo sentido, superficial, desse processo de construção. Deve-se perceber, com efeito, que a história não é linear, isto é, o pensamento humano e as condições sociais que lhes dão suporte não são necessariamente progressivos. Mas o que é representação?

Representar um objeto – material, social ou ideal - significa criá-lo simbolicamente, fazer com que ele tenha um sentido para quem o representa, passando assim a fazer parte de seu mundo. Os objetos não são captados isoladamente pelos indivíduos, mas em determinados contextos e relações. Portanto, o sentido da representação de um objeto advém das relações com outras representações de outros objetos que formam um campo de representação (*cf.* ANDRADE, 1999).

Há autores que vão mais longe na interpretação destas construções. Para estes, à medida que os homens empregam a linguagem, o mundo é construído, e os homens. Assim, as únicas verdades possíveis são aquelas construídas pela linguagem - que não seria tomada como um meio de representação de algo (*cf.* RORTY, 2007). A linguagem seria o instrumento que possibilita a construção das relações sociais observáveis (*cf.* LYOTARD, 2011).

Malgrado as controvérsias, algumas ideias gerais talvez sejam mais consensuais entre os cientistas sociais, a exemplo da concepção segundo a qual o processo representativo é uma construção social da realidade, em nível simbólico, em que o sujeito deixa as marcas de sua identidade naquilo que representa. Num processo dialético, os homens constroem o mundo, mas esta construção se objetiva de tal forma que se volta para seu artífice (*cf.* BERGER, 1985 e BERGER & LUCKMANN, 2002). Os “passos” para essa produção, a construção da realidade social, o estabelecimento e manutenção da existência mesma da vida social, são assim denominados por Berger e Luckmann: exteriorização, objetivação e internalização. Diferente dos outros animais, os homens “se tornam”, este é um processo que ocorre “fora dele” (*exteriorização*). A construção da realidade é um fenômeno simbólico, mas tal realidade objetiva-se, reifica-se, torna-se concreta (*objetivação*). A realidade é internalizada, ou melhor, apropriada pelos indivíduos (*internalização*).

## REPRESENTAÇÃO MITOLÓGICA

Talvez a Mitologia tenha sido a primeira forma de construção simbólica do mundo. A representação dá sentido ao mundo, mas, em certo sentido, também dá sentido à vida dos indivíduos. Como explicar uma tragédia, um desastre avassalador, a perda irreparável de um ente querido? Para a maioria dos sistemas mitológicos, os deuses dirigem a vida dos homens, portanto a dor torna-se suportável; o sofrimento ganha sentido (*cf.* GEERTZ, 1989).

Fenômenos sociais, naturais ou psicológicos são, neste caso, explicados pela narrativa mítica: o mundo ganha significado! Estas narrativas, estas representações, são menos obra exclusiva de indivíduos especiais, do que construções sociais resultantes de processos sócio-histórico complexos. A legitimidade das narrativas pode variar, a depender das condições sociais dos grupos. No entanto, uma vez enraizadas estas representações no seio de uma sociedade, sobretudo nas “sociedades simples”, com baixa divisão social do trabalho (*cf.* DURKHEIM, 2004), sua força será gigantesca. Isto quer dizer que os indivíduos dessas sociedades “orientarão” suas ações com base na tradição, na concepção do mundo descrita pelo mito; em sua narrativa. Embora sempre haja, é bom que se diga, espaços para ressignificações, interpretações criativas.

O tradicionalismo é uma característica marcante deste tipo de representação. Sendo assim, razão e reflexão não incorporarão este sistema representativo. Neste contexto, não há muito espaço para contestações. Os indivíduos, aqueles orientados pelas representações mitológicas do mundo, raramente apresentam alternativas às explicações mágicas trazidas pelo mito. Quando isso acontece - quando emergem as contestações - é sinal de que a representação está perdendo força e a sociedade (suas bases materiais e sociais) está se transformando.

É imperativo notar que sistema representativo e as condições de existência são compatíveis e indissociáveis. Isto é, as condições sociais e matérias de uma sociedade sustentam as representações e vice-versa. Numa sociedade orientada pelo mito, não raro, aparato jurídico-político, senso comum, religião, moral, etc., se interpenetram e não se distinguem muito claramente. A partir do séc. VIII a.C uma sociedade particular, a Grécia, desenvolveu as condições para a superação desta primeira forma de representação do mundo, mas não será exagero considerar que muitas características desta forma de representação do mundo subsistam fortes nos dias atuais.



## REPRESENTAÇÃO CIENTÍFICO-FILOSÓFICA.

Mitos como aqueles sobre monstros aterrorizantes que habitariam mares tenebrosos e ilhas misteriosas começaram a ser desmascarados. A expansão comercial grega foi um dos motores, um combustível para esta façanha. A observação foi um fator importante para a desconstrução da narrativa mítica, mas não o único. Na sociedade grega, em várias cidades-Estado, a vida urbana, com todas as suas implicações, também corroborara para o surgimento de uma determinada percepção do homem em relação a si e ao mundo: os homens são responsáveis pela sua existência!

As exigências dessa nova organização social, desta nova sociedade, não eram mais compatíveis com a representação mitológica do mundo. Desta maneira, era necessário desenvolver as técnicas comerciais, as leis, inclusive internacionais (em virtude do comércio), enfim, tudo o que a vida urbana demandava. Em boa parte das cidades gregas, desenvolveu-se um tipo de organização social – a democracia - em que alguns indivíduos, os cidadãos, participavam diretamente das decisões que afetavam a vida de todos; participavam na gerência dos negócios públicos. É evidente a relação entre a emergência da urbanização, do expansionismo e da democracia e a constituição de um novo ordenamento jurídico erigido em bases distintas daquelas verificadas em ordenamentos anteriores. Todo este cenário contribuiu para o enfraquecimento da representação mítica e emergência da Filosofia.

Os fenômenos naturais passavam a ser interpretados e respondidos à luz da própria natureza, e não através de fórmulas alienígenas. A razão sistemática (aquela que ordena de forma coerente as sentenças que constituem os enunciados, cujos resultados deverão manter, igualmente, coerência com elas) passava a ser o critério de verdade desta representação: é verdade aquilo que puder ser demonstrado racionalmente! Uma atitude que abandona a tradição irrefletida do mito e elabora uma outra: a tradição da reflexão. A reflexão, neste caso, é uma atitude absolutamente nova. Significa retornar ao próprio pensamento, tomá-lo como objeto de análise. Em outras palavras, duvidar das verdades apresentadas exteriormente e, ao mesmo tempo, estranhar aquelas com as quais já se convive pacificamente.

Neste contexto, um escravo, ou qualquer outro indivíduo que mal possa resolver seus problemas imediatos e mais urgentes de sobrevivência, jamais poderia se dar ao luxo de filosofar. O filósofo (amigo da sabedoria) é alguém que, por motivos óbvios, dispõe de tempo livre; condições para pensar. Ele é um cidadão, normalmente, mas não necessariamente alguém abastado. Quem é o cidadão típico? É o homem grego proprietário. Este possui

escravos que garantem sua sobrevivência, suas guarnições, portanto poderá participar das discussões políticas – na Ágora - e deliberar acerca dos rumos da cidade.

As decisões que envolvem interesses coletivos contrariam, muitas vezes, interesses privados. Em uma palavra, as discussões dos cidadãos, estas deliberações, não podem ser tomadas como atividades puramente baseadas na razão ou no bom senso, antes havia manobras, discursivas ou não, que influenciavam os resultados dos pleitos; manobras que hoje algumas pessoas conhecem bem; só algumas.

A atitude filosófica é, segundo Marilena Chauí (1998), negativa: recusa das verdades impostas; dúvida. Mas também positiva, isto é, o homem constrói um tipo de indagação que poderá se dirigir a qualquer objeto. Esta atitude, que será denominada também de atitude crítica, baseia-se, entende a autora, em três conjuntos de questões: “O que é? Por que é? Como é?” Tais questões são aqui reformuladas: por quê? (a causa do pensamento; do que se diz; das ações); o quê? (o conteúdo do que se pensa; do que se diz; do que se faz); para quê (a finalidade). Esta atitude, como se percebe, é reflexiva, uma vez que representa um movimento de retorno; que busca uma razão (das coisas) inteligível ou que possa ser ensinada.

Alguns fatores precipitaram o surgimento de uma nova representação do mundo que passou a abdicar do critério de verdade construído pela filosofia clássica. Além do desmoronamento do Império, o crescimento da influência de correntes místicas na filosofia e a institucionalização do cristianismo são, de longe, os mais significativos.

#### REPRESENTAÇÃO TEOLÓGICO-RELIGIOSA: A ESCOLÁSTICA.

A idéia de que a demonstração racional constituía o critério de verdade perdia força com o advento da Igreja Católica Apostólica Romana. Com a oficialização do cristianismo, a Igreja passou (num processo lento, mas progressivo) a monopolizar a produção do conhecimento. A liberdade de pensamento, característica das escolas filosóficas gregas, daria lugar a uma visão teológica disciplinada e monista, bem entendido, inquestionável. Isso não quer dizer que não houvesse dissenso em relação a vários temas, no entanto, uma vez estabelecida uma verdade (pela Igreja), ela se tornava “a” verdade. Também é fato que, depois da queda do Império Romano, a Europa conviveu com um quadro religioso bastante heterogêneo, mas, à medida que a Idade Média avançava, o poder da Igreja de Roma se

ampliava. Este poder não era apenas ideológico, ele contava com uma força material muitas vezes provada.

A estrutura organizacional básica da Idade Média é o feudo: uma unidade político-econômica até certo ponto autônoma, caracterizada por uma produção material de subsistência e baixa divisão social do trabalho (DST). Naquela sociedade dividida em estamentos - clero, nobreza e povo - cada indivíduo conhecia muito bem o seu lugar. A ideia de que um camponês poderia se tornar um senhor feudal era tão absurda quanto a (ideia) inversa. Não há pressões por novas descobertas ou técnicas: tudo está no lugar em que sempre deverá ficar. As relações sociais são orientadas por uma tradição que remonta tempos imemoráveis. O servo está ligado ao feudo. Ele não vende sua força de trabalho; suas relações com o senhor são de outra natureza: eram determinadas tradicionalmente.

Qual é o caráter dessa tradição, dessa moral que orienta as relações sociais, o mundo, na Idade Média? É eminentemente religioso: a Igreja interpreta o mundo e estabelece os critérios de verdade, uma vez que é a porta-voz de Deus. A hierarquia terrena, estamental, é justificada pela teologia. Aliás, as condições sociais ancoram-se reciprocamente nas representações. Apesar do poder coercitivo da Igreja, a representação religiosa do mundo encontra enorme ressonância na sociedade: ela é absolutamente válida e óbvia aos olhos dos homens do medievo. A visão deste homem é essencialmente tradicionalista e não-racional, uma vez que toma um conhecimento exterior de forma irreflexiva como verdadeiro. O aparato jurídico-político de então não poderia ser de outra natureza.

O pensador daquela época está ligado à igreja. Ela é o centro de produção do conhecimento, cujo objetivo é, com efeito, justificar as verdades teológicas. Em outras palavras, a filosofia (escolástica) é subalterna à teologia. O objeto das investigações, dos estudos e debates, não é outro senão Deus. O que era perfeitamente compreensível, dadas as condições sociais da época. Entretanto, o mundo começava a se tornar mais complexo e maior. Nesta perspectiva, as necessidades dos homens começam a se tornar de outra natureza. Um novo critério de verdade emergirá num mundo que possui novas necessidades.

## REPRESENTAÇÃO CIENTÍFICA DO MUNDO

No processo de enfraquecimento da visão religiosa característica da Idade Média, alguns eventos são emblemáticos: o Renascimento, o Humanismo, a Reforma Protestante e o

Experimentalismo (*cf.* RUSSEL, 2001). O primeiro foi um movimento que possibilitou o redescobrimento da cultura greco-romana. Esta incursão nas artes e nas ciências clássicas, em face de seu caráter mundano, contrabalançou a visão dogmática da Igreja. O Humanismo foi outro movimento intelectual que pretendeu instituir um novo foco nas investigações, nas reflexões, com evidente peso para o antropocentrismo.

A Reforma Protestante exerceu um duplo papel no processo de enfraquecimento das ideias medievais. Em primeiro lugar, a concepção medieval de trabalho (que era visto como um fardo), de acumulação e usura (tomadas como pecado) foram revistas pela doutrina protestante. O trabalho passou a ser encarado como uma vocação, portanto a diligência em sua execução tornava-se regra moral. A acumulação e o posterior reinvestimento são valorizados e exaltados pela ética protestante, o que se contrapõe à visão tradicionalista medieval e favorece, de uma forma ou de outra, o surgimento do “espírito capitalista” (*cf.* WEBER, 1982; 2004).

O fato de a Igreja Católica se apresentar como porta-voz de Deus, como mediadora entre o fiel e a salvação, ampliava muitíssimo o seu poder ideológico. O protestantismo atacaria esta doutrina e estabeleceria uma outra: o sacerdócio universal; cada homem e mulher poderá ter acesso direto a Deus. Esta questão teológica implicará mudanças muito mais abrangente, que envolvem a emergência do individualismo e de uma conduta mais racionalizada: o “desencantamento do mundo”.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os descobrimentos, a urbanização, a industrialização, a concentração do poder e o consequente surgimento dos primeiros Estados Modernos, enfim, este novo mundo, com todas as novas necessidades e exigências, requeria um novo critério de verdade: a experimentação. Passava a se tomar como verdade aquilo que a ciência pudesse comprovar experimentalmente. Alguns dos princípios mais caros à modernidade, a ideia de direitos universais do homem, de direitos humanos, emergem neste contexto, o mesmo que viu surgir uma nova classe dirigente, a burguesia. A alteração, a metamorfose sofrida pelo aparato jurídico-político não pode ser bem compreendida sem que este cenário revolucionário (o aparecimento de um tipo particular de sociedade, marcado pelo avanço do capitalismo, suas características, natureza e contradições) seja levado em consideração.

O processo de racionalização do mundo, que é o emblema desta nova era, irá desencantar o mundo, Weber é quem assevera, no entanto, aprisionará os homens numa gaiola de ferro. A assertiva de Weber remete a uma reflexão sobre o caráter “racional” da ciência. Afinal, quem age de forma reflexiva, racional e não tradicional atualmente? O cidadão médio dificilmente entenderá a estrutura do raciocínio científico utilizado na vida cotidiana. Este cidadão está à mercê dos médicos, advogados, engenheiros e tantos outros técnicos que empregam um conhecimento muitas vezes ininteligível ao leigo. Na medida em que se tomam estes conhecimentos como verdadeiros, simplesmente porque “confiamos” neles, os indivíduos não estão agindo muito diferentemente daqueles camponeses do século VIII, a.C.

Os homens constroem este mundo, nós, os homens, mas tornamo-nos reféns dessa obra. Restam-nos duas alternativas: empreende-se aquela atitude crítica, que não se conforma com as verdades impostas, ou os indivíduos se resignam e permanecem na caverna. O aluno do ensino superior, no entanto, só poderá optar por uma delas.

## CULTIVANDO A IMAGINAÇÃO

Wright Mills, sociólogo americano que sabe o que é pesquisa, todas as suas agruras, fornece-nos uma receita, aliás, algumas linhas gerais para o “artesanato intelectual” que uma produção acadêmica exige. Segundo o autor, os maiores pensadores não separaram seu trabalho de suas vidas (uma enriquece a outra). Contudo, sem organização, continua Mills, a produção destes intelectuais teria sido muito menor e menos vigorosa. Sendo assim, a construção de um **arquivo** é de fundamental importância. Ele poderá ajudar a: articular as experiências pessoal e profissional; manter o mundo interior desperto; estimular a expansão das categorias que usamos em nosso raciocínio.

Esquemáticamente, este arquivo: “é um armazenamento crescente de fatos e ideias, desde as mais vagas até as mais precisas”. (...) “A imaginação é levada a reunir itens até então isolados, descobrindo ligações insuspeitas”. É necessário cercar-se de pessoas que “ouvem e falam”, num ambiente que nos possa levar a pensar dentro das linhas de nosso trabalho. O bom trabalho compõe-se de muitos bons estudos; é necessário empreender formulações gerais hipotéticas antes de decidir; qualquer exposição final deve cobrir, levar em consideração, os “dados” e as teorias existentes.

Nós nos cansamos dos livros; o que deve permanecer são nossas notas e resumos, assim como as ideias para estudos empíricos. O objetivo da pesquisa empírica é solucionar desacordos e dúvidas sobre fatos, tornando mais **frutíferas** as discussões (os fatos disciplinam a razão, mas a razão é o fundamento de qualquer conhecimento científico). Eis algumas formas de estimular a imaginação: a) uma redistribuição do arquivo; b) conhecer toda a extensão de conotações das palavras e frases que empregamos; c) desenvolver o hábito de buscar denominadores comuns e fatores de diferenciação dentro e entre as classificações existentes (e ultrapassá-las); d) melhorar nossa percepção considerando o oposto daquilo que nos interessa diretamente, captar vários pontos de vista; e) inverter deliberadamente o senso de proporção; f) obter uma percepção comparada do material; g) distinguir entre tópicos e temas.

Os trabalhos devem ser inteligíveis, a despeito da máxima de nos diz que inteligência é sinônimo de complicação. É necessário abandonar a “pose”. Usar uma linguagem técnica não quer dizer ser indecifrável. Além disso, temos que ter em mente o público alvo para o qual nos dirigimos. Em suma, o artesanato intelectual exige:

- ✓ um trabalho solitário, cuja trajetória é construída a cada jornada;

- ✓ a dispensa da verborragia;
- ✓ que examinemos os pequenos fatos, mas sem deixar de relacioná-los à totalidade da realidade histórica;
- ✓ que estudemos as estruturas sociais nas quais os ambientes estão organizados, que escolhamos os ambientes que precisamos estudar e examinemos a influência mútua entre eles e a estrutura;
- ✓ que utilizemos todo e qualquer estudo sensível do homem e da sociedade, referente ao objeto que nos detivermos (a especialização deve ser tomada em face do objeto e não do departamento);
- ✓ que desenvolvamos e retomemos continuamente nossas opiniões sobre problemas de história, de biografia e de estrutura social, nos quais a biografia e a história social se cruzam;
- ✓ que atentemos para o fato de que o homem é agente histórico e social, sendo assim, as formas pelas quais sua variedade é complexamente selecionada e formada pelas variedades de sociedade devem ser compreendidas;
- ✓ que não abramos mão de nossa autonomia moral e política – outros não podem determinar os problemas que estudamos.

A despeito da honestidade intelectual e da busca pela neutralidade, ninguém deveria estudar um objeto que não seja fruto de uma sincera preocupação intelectual ou até existencial. Acerca disso, assevera Rubem Alves:

Só pode escrever com objetividade sobre o Protestantismo quem nunca o amou e nunca o odiou. Conclusão muito estranha. Levada até as suas últimas consequências, ela implicaria que só podemos ser objetivos frente àquilo que, para nós, é destituído de interesse. Se sou apaixonado por flores, tal paixão me impede de conhecê-las cientificamente. Será melhor dedicar-me às pedras. (...) Não creio que uma ciência sem emoção seja possível. (ALVES, 1978, p. 15).

À guisa de conclusão retomo uma questão inicial: o método não é garantia de quaisquer certezas, a ciência, aliás, não pode ser tomada como fonte de *verdades*, senão circunstanciais. O que determina o uso deste ou daquele método são as especificidades do objeto, uma vez que o objeto é uma construção, estamos às voltas novamente com a *imaginação*. A despeito disso, a ciência tem nos *ajudado*, e é por esta faculdade que deveremos medi-la, isto porque:

Podemos avaliar nossas teorias do ponto de vista da extensão em que lidam com sucesso com algum aspecto do mundo, mas não podemos ir mais além e avaliá-las do ponto de vista da extensão em que descrevem o mundo como ele realmente é, simplesmente porque não temos acesso ao mundo independente de nossas teorias, de maneira que nos capacite a avaliar a propriedade daquelas descrições (CHALMERS, 2000, p. 208).



## **PRESSUPOSTOS BÁSICOS PARA A PRODUÇÃO CIENTÍFICA.**

FICHAMENTOS, RESUMOS, MAPAS CONCEITUAIS E RESENHAS.

Produzir um trabalho científico não é tarefa fácil. Não se trata apenas de escolher um objeto de estudo e “ir a campo”. Os objetos de estudo científicos são, por assim dizer, *construídos pelo pesquisador*, disto resulta a necessidade de utilização de teorias e métodos capazes de lançar luz sobre o “mundo”. Nesta perspectiva, um conhecimento preliminar acerca das mais variadas correntes teórico-metodológicas, pelo menos daquelas que se relacionam com o objeto em questão, é condição *sine qua non*.

O **fichamento** e o **resumo** constituem-se como instrumentos indispensáveis nesta empresa. Bons fichamentos ou resumos eximem o pesquisador de recorrer outra vez ao texto original pesquisado. O fichamento é um texto que deve encerrar, de modo sumário, sucinto, as teses fundamentais apresentadas pela autoria do trabalho estudado. Apesar da forma, sua finalidade não é outra, senão facilitar a pesquisa. Sendo assim, o fichamento deve ser o mais objetivo e unívoco quanto possível; prendendo-se apenas às **conclusões** da autoria. Geralmente estas conclusões estão diluídas no texto; elas devem ser captadas pelo investigador e expressas de modo claro e direto.

O resumo poderá partir das teses apresentadas no fichamento, isto é, resumir uma obra significa apresentar e desenvolver, de forma concisa, as teses fundamentais de um texto. Dentre os textos que um investigador possa estudar, alguns poderão suscitar maior interesse, nestes casos, justificam-se fichamentos e resumos mais densos. De qualquer modo, o fichamento e o resumo devem ser capazes de cumprir uma exigência básica: substituir o texto original (estudado).

**Mapa conceitual** ou **esquema** é uma ferramenta importante para o trabalho intelectual. O mapa expressa de modo relacional e esquemático as teses do texto considerado. É de grande utilidade para aqueles que desejam apresentar seminários, palestras ou mesmo ministrar aulas. Com o esquema em mãos, dificilmente o palestrante se esquecerá de abordar as questões estudadas e de estabelecer as relações necessárias para a compreensão do tema. Por outro lado, os esquemas são ferramentas importantes para os estudos: uma análise cruzada das ideias e fatos ajudam o pesquisador a resolver vários problemas lógicos.

A **resenha** destina-se também à publicação. Neste tipo de trabalho é imprescindível que o investigador se exponha intelectualmente, isto é, na resenha, o investigador ultrapassa a

obra estudada e questiona seus pressupostos teóricos, a partir, é claro, de outros (pressupostos teóricos). Em suma, na resenha, empreende-se uma crítica que considera o “lugar teórico-metodológico” da autoria; o “lugar” de onde se partiu, contudo, deve ser expressamente revelado.

#### ARTIGOS, ENSAIOS, PROJETOS E MONOGRAFIAS.

Qualquer trabalho científico implica uma construção, a saber: do **objeto**. O objeto de análise do pesquisador é uma *construção racional*, a despeito de ter sido inspirado pelo *mundo da vida*. É na **problematização** que o objeto (escolhido pelo investigador) ganha forma e definição; em outras palavras, passa a “existir”. Portanto, trabalhos como artigos, ensaios, projetos ou monografias possuem esta particularidade: a análise de um objeto. Há, com efeito, um fio condutor para esta discussão, isto é, o investigador é motivado a dar, digamos, uma “resposta”. Logo, é imperativo que exista um **problema** (a ser investigado).

Encontraremos incontáveis pesquisas que se propõem a estudar, *grosso modo*, o mesmo objeto, contudo, os problemas que animam estes trabalhos não costumam ser os mesmos. De qualquer maneira, objeto e problematização são construções empreendidas pelo investigador. Se isso é verdade, os **objetivos** e as **hipóteses** apresentadas pelo pesquisador constituem-se também como idealizações do analista, não obstante as inevitáveis influências que acometem qualquer produção humana. Os objetivos são as metas específicas almejadas com a “resposta ao problema”. Hipóteses são respostas *a priori*, fruto da imaginação ou de pesquisas exploratórias. O resultado da pesquisa irá demonstrar até que ponto as hipóteses (iniciais) eram frutíferas.

Toda esta discussão é fundada numa preocupação intelectual do investigador, contudo, não há trabalho científico que possa prescindir de uma sólida base teórico-metodológica. A teoria não é a *realidade*, antes é um *par de óculos* que nos ajuda a compreendê-la. A utilização de um **referencial teórico** apropriado à pesquisa em questão é, portanto, condição essencial para a produção científica.

O conceito de **metodologia** não é unívoco, pode significar a visão epistemológica que orienta o pesquisador (chegando inclusive ao nível das técnicas de investigação utilizadas na pesquisa), ou, por outro lado, apenas o *procedimento* e o conjunto de técnicas levadas a cabo na pesquisa. Em ambas as alternativas se faz necessário preservar uma coerência interna no

trabalho: objeto, problema e objetivos, hipóteses, referencial teórico e metodologia devem ser compatíveis – sem mencionar os “resultados da pesquisa”. Se a teoria que utilizo não me fornece um quadro satisfatório para a compreensão de um aspecto da realidade (que me interessa) devo mudar a teoria, não *a realidade*. As técnicas utilizadas na pesquisa devem estar conectadas às bases metodológicas que informam a visão do acadêmico.

Nos *ensaios*, o investigador não está obrigado a empreender uma pesquisa empírica que justifique suas assertivas. Neste tipo de texto há maior liberdade especulativa, no entanto, certas exigências devem ser observadas: a construção de um objeto e de uma problematização; o rigor ao utilizar correntes teóricas que possam lançar luz sobre o problema em questão.

No que diz respeito aos artigos, a preocupação com a pesquisa (empírica ou teórica) é maior. Os artigos, geralmente, são fruto de pesquisas mais densas (monografias, teses), por outro lado, podem se tornar ponto de partida para aquelas. De qualquer modo, **os artigos constituem-se atualmente na maior fonte de informação e pesquisa científica**; compilações destes trabalhos, não raro, transformam-se em livros.

A monografia exige uma pesquisa profunda a respeito de um *aspecto do mundo*. Uma vez que a problematização, o objeto, o problema, etc. são construções do investigador, trata-se de um trabalho singular. A monografia pode ser fundada numa pesquisa empírica ou bibliográfica; sua relevância não se observa necessariamente em sua “utilidade” prática, afinal, cada campo do saber possui suas especificidades.

Em tempo, o trabalho acadêmico pode ainda se caracterizar não pela pesquisa, mas pela intenção de apresentar um plano de intervenção, de ação. Neste tipo de trabalho, o esforço é dobrado, pois não exclui as exigências de análise (considerações sobre os trabalhos anteriores sobre o tema estudado, etc.).

**O projeto é o plano de estudos que orientará a realização da pesquisa.** Ou melhor, o projeto “já é pesquisa”, melhor ainda: ao coletar dados, fazer fichamentos, etc., o pesquisador já está fazendo a pesquisa. O artigo, a monografia, a dissertação (de mestrado) ou a tese (de doutoramento) são o resultado, ainda que parcial, desta empresa.

Há muitas convenções a respeito da estrutura, da disposição das páginas que precedem o texto científico propriamente dito. Ainda que estas convenções não sejam tão rígidas, pois variam de instituição para instituição, apresento a seguir uma tendência geral. De qualquer modo, não obstante se tratar de modelos para textos científicos, a estética deve

orientar a *sintonia fina*, o ajuste final. Além disso, nem todas as seções sugeridas no modelo precisam existir, em face das especificidades de cada pesquisa.

O sumário deverá ser produzido preferencialmente com os recursos do *Word* (editor de texto do Office), é necessário apenas selecionar os títulos e abrir a função *inserir/índices* na barra de ferramentas do programa. Em lugar do tradicional *abstract* pode ser adotado um *résumé*, o que é permitido em quase todos os programas de graduação e pós-graduação. Epígrafes, dedicatórias e agradecimentos não fazem parte do artigo. Modelos de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), que, na Fanese, podem ser artigos ou monografias (a depender do curso), são apresentados nos ANEXOS deste texto.

Enfim, em se tratando de **projetos**, o trabalho todo não precisa ultrapassar as dez páginas. Na numeração das páginas, ignore a capa (não conte), a contagem começa na segunda folha, mas a numeração deve aparecer apenas a partir da introdução (5, 6, etc.). Portanto, dê um jeito de ocultá-los. A numeração das páginas pré-textuais (exceto a capa) deve ser com numerais romanos (II, III, etc.) – isso valerá para todos os trabalhos.

#### PROJETOS, ARTIGOS, MONOGRAFIAS: UM ESQUEMA PRÁTICO.

- **Tema**
- **TÍTULO DO TRABALHO** (*que deve “denunciar” – instigar - a discussão que se pretende empreender*).
- **Introdução**
- **PROBLEMATIZAÇÃO:** momento em que se *constrói* o objeto de estudo. Aqui se procura demonstrar sua relevância e o enfoque que se pretende dar. Não se trata apenas de uma justificativa, o investigador deverá ser capaz de contextualizar e explicitar a discussão que deseja empreender. É recomendável apresentar já na Introdução:
  - *O problema:* o fio condutor da investigação, que poderá vir em forma de “interrogação” ou não.
  - *Os objetivos da pesquisa:* aquilo que se almeja com a realização da investigação; a distinção explícita entre objetivos gerais e específicos não é imperativa.
  - *As hipóteses:* respostas prévias ao problema proposto; as hipóteses orientam a análise do pesquisador, mas não devem bloquear sua visão para novas possibilidades interpretativas.

- *Os procedimentos metodológicos:* nesta subseção o investigador deverá revelar os procedimentos que pretende utilizar (no caso do projeto) ou que utilizou durante a pesquisa (no caso do artigo ou monografia). Cabe ao pesquisador explicitar desde a concepção epistemológica – já abordada, talvez, no referencial teórico – até o conjunto de técnicas empregadas: entrevistas, questionários, pesquisa material, teórica, bibliográfica, etc. É necessário justificar as escolhas a partir da corrente teórico-metodológica que informou estas práticas, em consonância, é claro, com o objeto e objetivos da pesquisa em questão. No caso dos projetos e artigos, é preferível que esta discussão seja apresentada já na Introdução, de modo sintético. Mas, caso o pesquisador considere conveniente (e o trabalho assim o exigir) poderá vir depois também, num capítulo separado.
- **Referencial teórico e Corpo do Texto**
  - Momento em que o pesquisador apresenta o aporte teórico que orienta suas análises. O referencial não deve ser tomado como uma simples revisão bibliográfica, antes deve estar articulado à discussão realizada pelo pesquisador. Isto demanda um esforço por parte do investigador a fim de que seu objeto possa aparecer recorrentemente na discussão teórica, e vice-versa.
  - Nesta perspectiva, é admissível (e até desejável) diluir este referencial no corpo do texto: no que se refere à monografia (e, com alguma cautela, aos artigos), o referencial poderá aparecer nos capítulos (teórico-metodológicos) do trabalho.
  - O número de capítulos varia de acordo com as especificidades do trabalho: a abrangência do tema, os objetivos propostos, etc. **A sugestão é que haja pelo menos uma seção para cada objetivo proposto.**
  - Quando o texto envolve uma pesquisa empírica é conveniente que esta ocupe um capítulo separado (preferencialmente após a seção sobre metodologia). Em alguns casos serão necessários mais de um capítulo para este fim.
- **Considerações finais**
  - Um trabalho científico não tem, necessariamente, um “fim”, isto é, as assertivas científicas estão fadadas à superação, de um modo ou de outro. Entretanto, ao fim de uma jornada, o investigador terá algo a dizer sobre suas reflexões e pesquisas. A esta seção costumo chamar de *considerações finais*; termo que se esquivava da prepotência, de um lado, e da *evasiva*, de outro. Esta seção será bem-vinda durante a produção do projeto, caso já haja dados suficientemente relevantes.
- **Referências.**
  - Lista completa das fontes utilizadas (*livros, artigos, leis, etc.*).

- **Cronograma, orçamento** (*para projetos*).
- Estimativa cronológica para o cumprimento de tarefas previamente estabelecidas.
- Estimativa de custos envolvidos em cada fase da pesquisa.
  
- **Anexos**
  - Listas, tabelas, fotografias e outros dados que poderão ser consultados posteriormente pelo leitor.

Questões relacionadas aos instrumentos de coleta de dados, tais como, entrevistas, questionários, tipos de pesquisa (quantitativa ou qualitativa), trabalho de campo, estudo de caso, etc., serão facilmente encontradas em qualquer manual de metodologia científica. Aliás, uma consulta a este tipo de literatura é condição precípua para a realização da produção acadêmica.

## TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: UMA BREVE INCURSÃO NA ABNT

### CITAÇÕES

Segundo a norma 10.520/92 da ABNT (Associação Brasileira de Normas e Técnicas), a citação é a menção, no texto, de uma informação colhida em outra parte. Pode ser uma transcrição ou paráfrase, direta ou indireta, de fonte escrita ou oral. A transcrição é uma reprodução das próprias palavras do texto citado, paráfrase é apenas a expressão da idéia de outrem (com palavras próprias do autor do trabalho). Quando fiel à fonte é geralmente preferível a uma longa citação direta. Há várias modalidades de citações, a despeito da escolha, é necessário apresentar as REFERÊNCIAS no final do texto conforme as normas da ABNT. Ou seja, é indispensável mencionar os dados necessários à identificação da fonte citada.

A bibliografia deverá obedecer a seguinte disposição: SOBRENOME, Nome. *Título*. (Tradutor; coleção e edição, quando for necessário). Local da publicação: Editora, ano da publicação; páginas, quando for o caso. Admite-se também citar o ano da publicação logo após o nome do autor. Exemplo:

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da Vida Religiosa**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

É possível fazer referências de forma abreviada no corpo do texto, desde que não haja referências intercaladas de outras obras do mesmo autor. Na indicação destas referências sequentes podem ser adotadas as seguintes expressões: *apud* = citado por, conforme, segundo; *ibidem* ou *ibid* = na mesma obra; *idem* ou *id* = igual à anterior; *op. cit* = obra citada. Mas, nestes casos, não será admitido usar-se as *citações de chamada*.

As transcrições de até três linhas devem aparecer entre aspas no corpo do texto, sem recuo. A citação da citação é a menção a um documento ao qual se tomou conhecimento apenas por citação em outro trabalho. A indicação é feita pelo nome do autor original, seguido da expressão *citado por* ou *apud* e do nome do autor da obra consultada. Na lista final de referências somente o autor da obra consultada é mencionado. A citação de até três linhas, ratifique-se, deve ser inserida no próprio parágrafo entre aspas, seguida da CITAÇÃO DE CHAMADA: (SOBRENOME, ano, página). A citação com mais de três linhas deve aparecer em parágrafo distinto, com duplo recuo, fonte 11, conforme exemplo:

A comunhão de interesses e propósitos entre (...) vivência religiosa e cultura democrática, quando se estabelece, não se dá por mera confluência ou ‘conversão’. As articulações em geral se dão por referência a adversários ou conflitos/controvérsias que produzem polarizações (parciais) no espaço social, levando à agregação de campos heterogêneos. Assim é a relação entre religião e democracia [e política]. É preciso sempre analisá-la em contexto, pois ela não se presta a generalizações estáveis ou categóricas (BURITY, 2002, p. 29-30).

As omissões em citações (ou inclusão de palavras) são permitidas quando o sentido do texto não se altera. As omissões são indicadas pelo uso de reticências em colchetes ou parênteses. Quando se deseja enfatizar algo na citação usa-se o ponto de exclamação entre colchetes após o que se deseja destacar; do mesmo modo, usa-se o ponto de interrogação após as palavras que suscitaram dúvidas.

As incorreções e incoerências no texto são indicadas pela expressão [sic], após sua ocorrência. A citação incluída em nota de rodapé deve vir sempre entre aspas independente de sua extensão. Quando se trata de dados obtidos por informação oral (palestras, debates), indicar entre parênteses a expressão (informação obtida verbalmente).

Os textos em língua estrangeira podem ser citados no original ou traduzidos. Neste último caso, a expressão “trad. por” deve aparecer logo após a citação. Se a citação for apresentada no idioma original, a tradução feita pelo autor do trabalho deve aparecer em nota de rodapé.

#### SISTEMA DE CHAMADA

As citações devem ser indicadas no texto por um sistema numérico ou um sistema de AUTOR/data; qualquer que seja o método escolhido deve ser seguido ao longo de todo o texto. No sistema numérico as citações devem ter numeração única e consecutiva para todo o trabalho; a numeração pode ser por parênteses ou situada acima da linha do texto.

Quando houver sobrenomes iguais (de autores diferentes) e datas iguais acrescentam-se as iniciais do prenome, exemplo: (BARBOSA, C., 1956). Quando o autor publicou mais de uma obra no mesmo ano, distinguimos a obra pelo acréscimo de letras minúsculas após a data (e sem espaço), exemplo: (BARBOSA, 1970b).



## EXEMPLOS GERAIS DE REFERÊNCIAS

## ✓ Livros:

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1998.

## ✓ Capítulos ou partes

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sem dinheiro não há salvação: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais**. In GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 191-225.

## ✓ Periódicos no todo

**REVISTA BRASILEIRA DE CONTABILIDADE**. Rio de Janeiro, V. 24, nº 02, nov./dez. 1996, 82p.

## ✓ Artigos de periódicos

COSTA, Sérgio. Esfera pública, redescoberta da sociedade civil e movimentos sociais no Brasil. São Paulo, **Novos estud. - CEBRAP**, nº 38, p. 38-52, março de 1994.

## ✓ Artigos de jornais

MATARAZZO, Dante C. **Edisa eleva receitas em 120%**. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 set. 1989, Economia e Negócios, p. 06.

## ✓ Dissertações e teses

BARBIERI, Geraldo. **Fluxo de caixa: modelo para bancos múltiplos**. São Paulo, 1995. 262p. Tese (Doutorado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

## ✓ Eventos no todo

CONVENÇÃO DOS CONTABILISTAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. 12. Santos, 1991. **Contabilidade e os desafios da década**. São Paulo: Conselho Regional de Contabilidade 1991, 116p.

✓ Leis e decretos

BRASIL. Decreto-lei nº 2423, de 07 de abril de 1988. Estabelece critérios para pagamento de gratificações e vantagens pecuniárias dos titulares de cargos e empregos na administração direta e autarquias e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, v. 126, nº 66, p. 6009, 8 abr., 1988.

✓ Entidade coletiva

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro, 1993. 83p.

✓ Gravações em vídeo

ÓPERA DO MALANDRO. Ruy Guerra. RJ: Austin Cinema e Comunicação: Globo Vídeo, 1985, 1 videocassete (100 min.), son, color, 12 mm. VHS.

✓ Artigos de periódicos “on line”

SEIDL, E. 2005. A construção de uma ordem: o Exército brasileiro e o nascimento da "meritocracia" (1850-1930). *Ciência & Letras*, Porto Alegre, n. 37, p. 107-137, jan.-jun. de 2005. Disponível em: <http://www4.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista37/cap06.pdf>. Acesso em 15 de março de 2008.

#### CASOS ESPECIAIS

Três ou mais autores: quando a obra tem até três autores, mencionam-se todos na entrada, na ordem em que aparecem na publicação, exemplo:

MAMEDE, Marli Villela; CARVALHO, Emília Campos; CUNHA, Ana.

Quando houver mais de três autores, mencionam-se até os três primeiros, separados por vírgula, seguidas da expressão latina et. al. Ex.:

ALMEIDA, José da Costa et. al.

ALMEIDA, José da Costa; VARGAS, Feliciano et. al.

Caso o artigo de jornal não possua autoria, entra-se pelo título, sendo que a primeira palavra do título é transcrita em maiúsculas. Ex.:

Biblioteca climatiza seu acervo. O *Globo*, Rio de Janeiro, 4 mar. 1985.

Usam-se as seguintes abreviaturas quando da ausência de: local de publicação [s.l.]; data [s.d.]. Não sendo possível determinar a data de publicação, registrar a data aproximada entre colchetes: data provável [1991 ?]; data aproximada [ca. 1980]; década certa [197-?]; século certo [18-?]; século provável [18--?].

#### FONTES E ESPACEJAMENTO.

Os novos programas de edição de texto já abrem com as margens no padrão (margens esquerda e direita, 3 e 2 cm, respectivamente; margens superior e inferior, 3 e 2 cm). O espaço sugerido para a maior parte dos trabalhos é 1,5, as fontes *Times New Roman* ou *Arial* (12).

### REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência*. Introdução ao jogo e a suas regras. São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1978.

ANDRADE, Maria Antônia Alonso. *Cultura política, identidade e representações sociais*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana, 1999.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Apresentação de citação em documentos: NBR 10520. Rio de Janeiro, 1992.

BASTOS, Lília da Rocha, PAIXÃO, Fernandes. E. Delius. *Manual para elaboração de projetos e relatório da pesquisa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1996. 96p.

BERGER. Peter L & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BERGER. Peter L. *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BURITY, Joanildo A (org.). *Cultura e identidade. Perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CHALMERS, A. F. *O que é ciência afinal?* São Paulo: Brasiliense, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1998.

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1983.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 15ª ed. São Paulo: editora Perspectiva, 1997. 170p.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GRANJA, E.C.; KREMER, S. *Citações no texto e notas de rodapé: manual de orientação*. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1987.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1985. 238p.

\_\_\_\_\_. *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 2000.

LYOTARD, Jean-François. A Condição Pós-Moderna. Rio: José Olympio, 2011.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Trad. Waltensir Dutra. 4ª ed. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1975.

RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica*. Guia para eficiência nos estudos. São Paulo: Atlas, 1982. 170p.

RUSSEL, Bertrand. *História do pensamento ocidental*. A aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SALVADOR, Ângelo Domingues. *Método e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre: Sulina. 254p.

SANTOS, Gilberto de Moura. Sociologia, antropologia, direito e realidade social: um debate introdutório. *Revista do Curso de Direito – Fanese*. Vol 7- N 1 – Dezembro/2017. Disponível em: <http://app.fanese.edu.br/revista/wp-content/uploads/Sociologia-Antropologia-Direito-e-realidade-social-um-debate-introdutorio-formatado-2-1.pdf>. Acessos em 8 de nov. de 2018.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 20ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1996. 272p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. *Normas para apresentação de trabalhos*. 5ª ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1995, 8 v.

**ANEXOS – 1**

FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE - FANESE

DISCIPLINA: METODOLOGIA DOS TRABALHOS ACADÊMICOS

PROFESSOR: DR. GILBERTO DE MOURA SANTOS

RESENHISTA:

FORMULÁRIO DE RESENHA BIBLIOGRÁFICA

I – OBRA (referências)

II – CREDENCIAIS DA AUTORIA (*breve pesquisa biobibliográfica*).

III - CONCLUSÕES DA AUTORIA (*apresentação sumária das teses fundamentais do autor – fichamento*)

IV – DIGESTO (desenvolvimento das teses – resumo).

V – METODOLOGIA DA AUTORIA (*explicitação da metodologia utilizada pela autoria, justificando com o próprio texto estudado e/ou com o auxílio outras pesquisas*).

VI – QUADRO REFERENCIAL DA AUTORIA (*explicitação da corrente teórica à qual a autoria está filiada*).

VII – QUADRO DE REFERÊNCIA DO RESENHISTA (*quadro teórico utilizado pelo resenhista para a análise da obra*).

VIII – CRÍTICA DO RESENHISTA (*trata-se de um “diálogo” com o texto, a partir do quadro teórico utilizado pelo resenhista*).

IX – INDICAÇÕES DO RESENHISTA (*potencial público alvo da obra*).

X – APRESENTAÇÃO DA RESENHA

*Data e horário:*

*Disciplina:*

*Centro de interesse: (campos do saber, disciplinas).*

## ANEXOS – 2

---

**TÍTULO:** SUBTÍTULO, SE HOUVER. \*

*Seu Nome\**

### RESUMO

*Resumo em português, com 100 a 400 palavras. Espacejamento simples, sem recuo de parágrafo. Deve trazer: objeto, problema, objetivos e menção à corrente teórico-metodológica que orientará o trabalho, além dos resultados alcançados.*

Palavras-chave: *[de 3 a 5, separadas por ponto].*

*[O texto todo deve conter entre 15 e 25 páginas! Espacejamento 1,5; Fonte 12, Times New Roman; margens superior e esquerda 3cm, direita e inferior 2cm; citação direta com mais de três linhas deve ser grafada com fonte 10, espacejamento simples, recuo 4cm à direita.]*

### INTRODUÇÃO

- *Forneça ao leitor, na Introdução, uma visão global do trabalho, duas páginas devem bastar. Este é o momento em que você deve apresentar a **problematização**: a construção do objeto de estudo. Procure demonstrar sua relevância. Não se trata apenas de uma justificativa, mas de uma contextualização da discussão que deseja empreender.*
- *O trabalho pode ser:*
  1. **Uma pesquisa.** *Análise de um objeto: estudar, comparar, analisar, quantificar, etc., são os*

---

\*Artigo apresentado à banca examinadora do curso de Administração da Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe, em julho de 2019, como critério parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Administração de Empresas. Orientador: Prof. Dr. *Gilberto de Moura Santos*.

- verbos usados neste caso);
2. **Um plano de intervenção.** *Uma proposta: construção de um artefato, de um modelo de gestão, sugestão de melhoria, para citar algumas possibilidades. O trabalho não deixa de ser uma **pesquisa**, mas a intenção não se restringe à análise de um objeto dado.*
- *É recomendável apresentar, já na Introdução:*
1. *O problema: o fio condutor da investigação, que poderá ou não vir em forma de “interrogação”.*
  2. *Os objetivos da pesquisa: aquilo que se almeja com a realização da investigação; não é necessário escrever uma seção para objetivos gerais e outra para específicos, faça um texto corrido.*
  3. *As hipóteses: respostas prévias ao problema proposto. Elas orientam a análise do pesquisador, mas não devem bloquear sua visão para novas possibilidades.*
  4. *Os procedimentos metodológicos: revele os procedimentos que irá utilizar (no caso do projeto) ou que utilizou durante a pesquisa (no caso do TCC: artigo ou monografia). Cabe a você explicitar, se for o caso, a concepção epistemológica que escolheu. De qualquer modo, é necessário apresentar o conjunto de técnicas empregadas (procedimentos): entrevistas, questionários, pesquisa material, teórica, bibliográfica, etc. Estas escolhas devem estar em consonância, é claro, com o objeto e objetivos da pesquisa em questão. No caso dos projetos e artigos, é preferível que esta discussão seja apresentada já na Introdução, de modo sintético. Mas, caso considere conveniente (e o trabalho assim o exigir) ela poderá vir depois também, num capítulo separado.*
  5. *Também na Introdução deve ser feita menção, de forma sucinta, do referencial teórico com o qual se deseja trabalhar.*

## **TÍTULO DA PRIMEIRA SEÇÃO [UM POUCO DE CRIATIVIDADE VAI BEM...]**

- *Este é momento em que você apresentará o aporte teórico que orienta suas análises. Mas o referencial teórico não pode ser tomado como uma simples revisão de bibliografia, ele deve estar sempre articulado à discussão (à pesquisa ou plano de intervenção). Isto demanda um esforço: seu objeto deve “aparecer” recorrentemente na discussão teórica.*
- *É admissível (às vezes até desejável) diluir este referencial nas outras seções, mas é possível concentrá-lo numa única.*
- *O número de seções varia de acordo com as especificidades do trabalho: a abrangência do tema, os objetivos propostos, etc. **A sugestão é que haja pelo menos uma seção para cada objetivo proposto.***
- *Quando o texto envolve uma pesquisa empírica, é conveniente que esta ocupe uma seção (preferencialmente antes das Considerações Finais).*

## **TÍTULO DA SEGUNDA SEÇÃO**

- *Lembre-se de que você deve dar nome às seções, mas não precisa escrever a palavra “seção”.*
- *Resumo, Introdução, umas duas ou três seções, Considerações Finais, Referências, esse é o esqueleto do trabalho.*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

- *Um trabalho científico não tem, necessariamente, um “fim”, isto é, as assertivas científicas estão fadadas à superação, de um modo ou de outro. Entretanto, ao final de uma jornada, o investigador terá algo a dizer sobre suas reflexões e pesquisas. A esta seção dá-se o nome de considerações finais, termo que se esquia da prepotência, de um lado, e da evasiva, de outro. Esta seção também será bem-vinda durante a produção do projeto, caso já haja dados suficientemente relevantes.*

## **REFERÊNCIAS**

- *Lista completa das fontes utilizadas (livros, artigos, leis, etc.), em ordem alfabética e conforme ABNT.*
- *Privilegie, em suas pesquisas, os artigos: eles costumam ser mais atuais. Consulte o portal [www.scielo.br](http://www.scielo.br), nele há sempre bons artigos.*

## **ANEXOS**

- *Listas, tabelas, fotografias e outros dados que poderão ser consultados posteriormente pelo leitor (opcional). Evite esta seção sempre que possível*



**ANEXOS – 3**



**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE - FANESE**

**CURSO DE [NOME DO CURSO]**

**NOME DO ALUNO**

**TÍTULO DO TRABALHO**

**ARACAJU**

**2019**

**NOME DO ALUNO**

**TÍTULO DO TRABALHO**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de [nome do curso], Fanese, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do Grau de Bacharel em [nome do curso], sob a orientação do Prof. Dr. Gilberto de Moura Santos.**

**ARACAJU**

**2019**

## **Dados de Catalogação**

**[Agradecimentos e/ou dedicatória]**

**[São opcionais, de qualquer forma, devem ser sucintos, ocupando apenas uma página.]**

## **RESUMO**

Resumo em português, com 150 a 500 palavras. Espaçamento simples, sem recuo de parágrafo. Deve trazer: objeto, problema, objetivos e menção à corrente teórico-metodológica que orientará o trabalho, além dos resultados alcançados.

Palavras-chave: [de 3 a 5, separadas por ponto].

## **ABSTRACT**

Versão do resumo em inglês.

Keywords:

## SUMÁRIO

[Confeccionado a partir da ferramenta própria do *word*]

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2 [TÍTULO DO CAPÍTULO]</b>	<b>9</b>
<b>3 [TÍTULO DO CAPÍTULO]</b>	<b>10</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>12</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>313</b>

[O texto todo deve conter entre 30 e 60 páginas!]

## 1 INTRODUÇÃO

- A introdução deve fornecer uma visão global do trabalho, três páginas devem bastar. Este é o momento em que se apresenta a **problematização**: a *construção* do objeto de estudo. Aqui se procura demonstrar sua relevância e o enfoque que se pretende explorar neste objeto. Não se trata apenas de uma justificativa, o investigador deverá ser capaz de contextualizar e explicitar a discussão que deseja empreender.
- O trabalho pode ser:
  - Uma **pesquisa**. Análise de um objeto: estudar, comparar, analisar, quantificar, etc., são os verbos usados neste caso);
  - Um plano de intervenção, de ação. Uma proposta: construção de um artefato, de um modelo de gestão, sugestão de melhoria, para citar algumas possibilidades. Neste caso, há pesquisa, mas a intenção não se restringe à análise de um objeto dado.
- É recomendável apresentar já na Introdução:
  - *O problema*: o fio condutor da investigação, que poderá ou não vir em forma de “interrogação”.
  - *Os objetivos da pesquisa*: aquilo que se almeja com a realização da investigação; a distinção explícita entre objetivos gerais e específicos não é imperativa. Uma boa estratégia é escrever um capítulo para cada objetivo contemplado.
  - *As hipóteses*: respostas prévias ao problema proposto; as hipóteses orientam a análise do pesquisador, mas não devem bloquear sua visão para novas possibilidades interpretativas.
  - *Os procedimentos metodológicos*: o investigador deverá revelar os procedimentos que pretende utilizar (no caso do projeto) ou que utilizou durante a pesquisa (no caso do TCC, artigo ou monografia). Cabe ao pesquisador explicitar, se for o caso, a concepção epistemológica que escolheu. De qualquer modo, é necessário apresentar o conjunto de técnicas empregadas: entrevistas, questionários, pesquisa material, teórica, bibliográfica, etc. Estas escolhas devem estar em consonância, é claro, com o objeto e objetivos da pesquisa em questão. No caso dos projetos e artigos, é preferível que esta discussão seja apresentada já na Introdução, de modo sintético. Mas, caso o pesquisador considere conveniente (e o trabalho assim o exigir) poderá vir depois também, num capítulo separado.



- Também na *Introdução* deve ser feita menção, de forma sucinta, do referencial teórico com o qual se deseja trabalhar.
- Por fim, uma breve sinopse das seções seguintes poderá fechar a *Introdução* .

## 2 [TÍTULO DO CAPÍTULO]

- Refere-se ao desenvolvimento do trabalho, para tanto, são necessários dois ou três capítulos, talvez quatro.
- Este é momento em que o pesquisador apresenta o aporte teórico que orienta suas análises. Mas o referencial teórico não poderá ser tomado como uma simples revisão de bibliografia, ele deve estar sempre articulado à discussão, à pesquisa ou plano de intervenção. Isto demanda um esforço por parte do investigador a fim de que seu objeto possa aparecer recorrentemente na discussão teórica, e vice-versa.
- É admissível (às vezes até desejável) diluir este referencial nos capítulos, mas é possível concentrá-lo num único, de caráter mais teórico-metodológico.
- O número de capítulos varia de acordo com as especificidades do trabalho: a abrangência do tema, os objetivos propostos, etc. **A sugestão é que haja pelo menos uma seção para cada objetivo proposto.**
- Quando o texto envolve uma pesquisa empírica (um estudo de caso, um plano de ação, de intervenção, para citar alguns exemplos), é conveniente que esta ocupe um capítulo separado (preferencialmente antes das *Considerações Finais*). Em alguns casos serão necessários mais de um capítulo para este fim.

### **3 [TÍTULO DO CAPÍTULO]**

- Lembre-se de que você deve dar nome aos capítulos, mas não precisa escrever a palavra “capítulo”.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Um trabalho científico não tem, necessariamente, um “fim”, isto é, as assertivas científicas estão fadadas à superação, de um modo ou de outro. Entretanto, ao final de uma jornada, o investigador terá algo a dizer sobre suas reflexões e pesquisas. A esta seção dá-se o nome de *considerações finais*, termo que se esquivava da prepotência, de um lado, e da *evasiva*, de outro. Esta seção também será bem-vinda durante a produção do projeto, caso já haja dados suficientemente relevantes.

## REFERÊNCIAS

- Lista completa das fontes utilizadas (*livros, artigos, leis, etc.*), em ordem alfabética e conforme ABNT.
- Privilegie, em suas pesquisas, os artigos: eles costumam ser mais atuais. Consulte o portal [www.scielo.br](http://www.scielo.br), nele há sempre bons artigos.

## **ANEXOS**

- Listas, tabelas, fotografias e outros dados que poderão ser consultados posteriormente pelo leitor (opcional).